



Alameda Ribeiro da Silva, 491
CEP 01217 - Telefones: (011) 223-9310 - 220-4661

Cliente AGÊNCIA ESTADO
Veículo JORNAL DO COMÉRCIO - RECIFE
Data: 07.07.91
Seção: CIÊNCIA / MEIO AMBIENTE Página 07

Os desertos avançam no Brasil

LIANA JOHN
(Texto final)
Reportagem de
Ayrton Centeno,
Carlos Garcia e
Gilberto Melo

Agência Estado



No Nordeste, as áreas secas se multiplicam

Entre os meses de agosto e outubro, a esparsa vegetação nas cabeceiras do rio Paranaíba é queimada pelos fazendeiros de gado. Alinhada aos desmatamentos das matas de galeria e margens dos cursos d'água, que abrem espaço para roças de subsistência, essas queimadas vêm acelerando o processo natural de desertificação de Gilbués, no sul do Piauí. "Os latifundiários utilizam o fogo para a rebrota do capim sustentar umas poucas cabeças de gado e, com isso, devastam o solo, provocando a morte da flora e fauna, denuncia o fotógrafo e ecologista Alcide Filho.

Para realizar um documentário — Nascentes, Urgente — sobre a desertificação na região, Alcide Filho desceu as corredeiras da serra da Mangabeira e Tabatinga, a partir do encontro das águas dos riachos Água Quente e Curriola, onde nasce o Paranaíba. Foram três dias a Bordo de balas feitas de talos de buriti (Mauritia SP), por 120 quilômetros entre a vila de Cedro, no Maranhão, e Santa Filomena, no Piauí.

O documentário (20 minutos em VHS) mostra a evolução do núcleo de desertificação de Gilbués na direção das nascentes do rio Paranaíba. O areal, que já toma conta de 1.240 km² de paisagem, teve início antes da chegada do homem devido à erosão hídrica sobre uma mancha de solo extremamente frágil — constituído de areias quartzosas muito pobres em nutrientes.

Chuvas torrenciais lá ocorrem em curtos espaços de tempo, seguidos de longos períodos de seca.

Quase sem vegetação nativa, fruto de sua pobreza química, a terra recebe as chuvas desprotegidas. Embora sejam menos de 500mm por ano, a violência das águas desagra o solo, abre canais de escoamento, trincheiras profundas nas zonas de declives. À erosão hídrica somam-se, outra vez, os ventos, levantando nuvens de poeira em redemoinhos. E às chuvas e aos ventos junta-se ainda o homem, com atividade agressivas ao meio.

DIAMANTES NO DESERTO

Nos anos 40, o núcleo desertificado de Gilbués e Monte Alegre foi desmatado, esburacado e reenvolvido na busca descontrolada dos diamantes encontrados na estreita faixa de cascalho sobre a camada arenosa. Ainda há lavras de diamante, com escavações mais profundas, em Monte Alegre. Na área desertificada de Gilbués já não se registra ocupação humana, mas nos limites, o desmatamento e a pecuária ainda hoje contribuem para o avanço do deserto.

Os brejos — baixadas inundáveis, povoadas pelo buriti — até há alguns anos restringiam o fogo aos campos dos fazendeiros. Agora, com a repetitividade das queimadas, o fogo já está ultrapassando os brejos e subindo a encosta oriental da serra da Tabatinga, onde estão as nascentes desses brejos. É o início de um ciclo vicioso que leva a mais aridez com a vegetação reduzida a cinzas, menos água se infiltra no solo, mais água escorre, a erosão aumenta, os brejos são assoreados, a vegetação não rebrota e a assim por diante. O deserto de Gilbués está a 150 quilômetros dos principais olhos d'água, hoje sofrendo esse processo de reassamento. A principal barreira para o encontro das duas áreas em processo de desertificação é o rio Urucú Vermelho, mas há estimativas de que o encontro das duas áreas ocorra dentro de uns dez anos, tal o ritmo do processo.

classificado, na conferência das Nações Unidas sobre desertificação, em Nairóbi (quênia), em 1977, com uma região de alto risco", lembra o agrônomo Benedito Vasconcelos Mendes, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, autor de vários livros sobre a região. Nos 1,15 milhões de quilômetros quadrados do Polígono das Secas existem ecossistemas frágeis, muito vulneráveis à desertificação. Qualquer desequilíbrio nesses ecossistemas — naturalmente limitados pela escassez e irregularidade das chuvas e, em algumas áreas, pela fragilidade dos solos — pode abrir novos núcleos.

A CAATINGA SOFRE

Atualmente, por causa do empobrecimento geral do país, a concentração fundiária e mudanças nos sistemas tradicionais de produção, a pressão sobre a caatinga tem aumentado e, com ela, aumenta o risco de desequilíbrios.

A caatinga — do tupi caa ("mato") e tinga ("branco") — é assim chamada pela coloração acinzentada de vegetação no período seco. Essa vegetação é aberta e se caracteriza por arbustos baixos, espinheiros e retorcidos com folhas, raízes, troncos e cascas adaptadas à escassez de água. Muitas espécies de cactos — como os quipás, mandacarus, cardetes, xiqueques e coxas-de-frade — também integram a paisagem e, mas clareiras abertas entre eles, ervas e gramíneas crescem apenas no período úmido.

A fauna não é abundante em indivíduos nem rica em espécies como a das florestas tropicais, mas sobre ela pesa a maior pressão de caça para subsistência do país. Os animais de porte, que viviam nas poucas matas de galeria e brejos, como a onça pintada (Panthera onca), a suçuarana (Felis concolor) e a anta (Tapirus terrestris) já desapareceram. A capivara (Hydrochoerus hydrochaeris) só existe em algumas ilhas do Rio São Francisco e os tatus e lagartos de várias espécies têm tido sua população severamente reduzida, a exemplo do que ocorre com algumas aves, sobretudo as e as (Ibis americana americana) e avoantes ou arribação (Zenaidura macroura).

A pressão sobre a fauna, a longo prazo, interfere na renovação natural da caatinga, castigada também pelo pastoreio de rebanhos domésticos, sobretudo de bovinos e caprinos. "Um processo de desertificação no semi-árido começa quando as plantas não conseguem se reproduzir e o solo fica sem proteção", observa Benedito Mendes. A ausência dessa vegetação, além de facilitar a erosão pelas chuvas torrenciais e pelos ventos, faz com que o solo reflita a luz solar acima dos padrões normais.

Ocorrendo esse fenômeno — chamado de aumento do albedo — em grande extensão, é possível haver mudanças no microclima. O fenômeno interfere na troca de calor de terra com a atmosfera e na formação do tipo de nuvens das quais depende a chuva do semi-árido, podendo resultar na redução da pluviosidade. Mendes acredita que isso já esteja ocorrendo em milhares de pontos do Nordeste e lamenta a inexistência de condições técnicas e estudos que permitam quantificar as áreas em processo de desertificação.

A Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), calcula que até o fim do século o mundo perderá um terço de suas terras cultiváveis para os desertos, mas não há especialistas brasileiros que se ariquem a estimar de quanto, neste total, será

Até o fim do século o mundo perderá um terço de suas terras cultiváveis para os desertos. Quanto, no Brasil?

Até o fim do século o mundo perderá um terço de suas terras cultiváveis para os desertos. Quanto, no Brasil?